

PARABENS A PORTUGAL

MANIFESTAMENTE EXPRESSADOS

N A S

FESTAS, E CONTENTAMENTO UNIVERSAL,

C O M Q U E

A CORTE, E CIDADE

D E L I S B O A

SOLEMNIZOU A ENTRADA

D A

ESQUADRA, E EXERCITO

D A

GRÃO-BRETANHA,

E CONSEGUIO POR SEU AUXILIO A DERROTA,

E EXPULSÃO TOTAL DOS FRANCEZES.



L I S B O A . M . D C C C V I I I .

N A I M P R E S S Ã O D E A L C O B I A .

Com Licença.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

A COMMITTEE

OF THE FACULTY

RECOMMENDS

FOR THE DEGREE OF

PH.D.

IN PHYSICS

TO

MR. JAMES H. ...

OF THE UNIVERSITY OF CHICAGO

CHICAGO, ILLINOIS

19...

BY THE FACULTY

OF THE UNIVERSITY OF CHICAGO

...

C A N Ç Ã O.

I.

Que he isto, oh Ceos! que escuto! que acontece!
 Já do claro Horizonte a rôxa Aurora,
 Roubando o vivo lume ao Sol dourado,
 Em fulgentes luzeiros resplandece;
 De gramineo esmalte a grata Flora,
 Bordando o verde prado
 Vem com gentil cuidado
 Convocar as Napéas d'entre as flores;
 Canoros hymnos de prazer entoam
 As tres Irmãs em coros c'os Amores,
 Que de sons festivaes o ar povoam;
 Té os Pastores no campo transportados
 Do sacro louro enramam seus cajados.

II.

Nos ceruleos paços de Amphitrite
 Do casto Amor, que os une, os dons cantando
 Corre Alpheo, e Arethusa entre as Sereas;
 Das virgineas Tagides palpite
 O nativo esplendor suave, e brando
 Nas auríferas véas,
 Que em acordes coréas
 O pátrio Téjo envolto em alegria,
 Das Deidades do Mar acompanhado,
 Mil louvores cantando neste dia,
 Sobre as ondas se ostenta levantado;
 E a chara Lysia aos Ceos de um tal protento
 D'almo prazer dá vozes cento a cento.

III.

Bem como Febo ignífero, fulgente
 Deixa fugindo o thalamo de neve,
 Que alegres, e vistosos deixa os mares,
 E no sereno placido Oriente
 Com seus raios dissipa a sombra leve
 Enchendo os luminares,
 Purificando os ares
 Do vapor, que infundiu pezado somno,
 Fórma benigno o brilhante dia
 Do elevado Zenith chegando ao throno:
 Tal a sorte domando a tyrannia
 Com generosa mão nos tem disposto
 A grata liberdade em perenne gosto.

IV.

IV.

Vós, Manes respeitosos, que anelaveis
 Generosa ambição em illustres peitos,
 Do merito immortal premio devido,
 E no braço invencivel sustentaveis
 Indelevel padrão de illustres feitos,
 Com gesto destemido
 No Gallo já vencido
 Vinde invejar a fama, e a gloria
 De heróes, filhos de heróes, Lusos potentes,
 Que arvorando em troféo brava victoria
 Pizam mil vãos, audazes combatentes;
 E tão dignos de serem celebrados
 Que só das Musas devem ser cantados.

V.

Vinham soberbos com traição damnada
 Fingindo protecção, mas d'outra sorte
 Talando Campos, Villas, e Cidades
 Só trazem com cautéla a iniqua espada;
 Que leva o povo inerme á escura morte,
 Commettendo cobardes
 Nunca vistas maldades;
 E o fraudulento Capitão dos roubos,
 Seu rancor disfarçando na apparencia,
 Tece escoltado de assanhados lobos
 Mil siladas á candida innocencia;
 Acção nefaria, torpe, abominavel,
 Até no Averno horrenda, e detestavel.

VI.

Que queixumes, oh Ceos! que dor violenta
 Póde pintar perfidias viperinas,
 Que ás mesmas féras são de horror, e pejo?
 De Eolo irado horrisona tormenta
 Não causa mór angustia, mais ruinas;
 Mal cevando o desejo
 No despojo sobejo
 Nutrem nos peitos fervidos, irosos
 Canina fome d'ouro que os devora,
 De sangue humano sempre sequiosos
 Roubam c'os bens as vidas cada hora,
 Dando a todos em furia lastimosa
 Cativoiro servil, morte affrontosa.

VII.

Cégos não viam, que a dolosa sorte
 Na voluvel roda do Destino envolta
 A mui poucos, cobardes, mal armados
 Robusto braço empresta, e peito forte;
 que tu, ó Britania, em furia, solta
 Flagellas aos malvados,
 E aos bons, aliados
 Offereces peito intrepido, e valente,
 Marchando ao lado em teu poder immenso
 Mortes, vinganças contra a fraca gente,
 Que abrazada no fogo de odio intenso,
 Como tyrannos impias leis mandavam
 Na chara pátria nossa, que assolavam.

VIII.

VIII.

Vencidos ficam todos n'um momento
 C'um volver d'olhos só na dura guerra;
 Vulcaneos esquadrões, éneas falanges,
 Qual move o feno leve o rijo vento,
 Abatem seu furor, e os prostram em terra;
 E dos buidos alfanges
 C'um só bote abranges
 Tu, ó féra Britania, em monte unidos
 Muitos, que envias ao Cocyto impuro;
 E nós de teu esforço soccorridos,
 Saltando fossos, escalando muros,
 Valor damos tão bravo, e tão profundo
 Que um só Luso bastára contra o Mundo.

IX.

Comtigo, ó Lusitania invicta, fallo,
 De inclitos filhos sempre mái amante,
 Se a todo o Mundo se diffunde a gloria
 Deste alto feito, que faz nelle aballo,
 Mil parabens se te dêm, honra prestante
 Nos annaes da memoria
 Te dedique a Historia;
 E o côro, que a excede em potestade,
 Com assombro em ti mostre aos descendentes
 Toda a grandeza, toda a magestade,
 Que fazem os Imperios florecentes;
 Pois c'ó Britano fiel o Luso illustre
 Dá hoje gloria a Marte, e novo lustre.

E tu, ó General impavido, famoso,
 Do armipotente Jorge alma inflammada,
 Placido acolhe vozes verdadeiras,
 Pois teu nome honraste com laurel viçoso
 Debelando a Aguia com a tremenda espada:
 E nas soltas bandeiras
 Vossas gentes guerreiras
 As sacras Quinas erguem vencedores,
 Com que esmaltando a nossa liberdade
 Della se juram eternos defensores,
 Subindo tu por esta heroecidade
 Tão alto por perpetuo luzimento,
 Que novo Astro serás no ethereo assento.

Não mais, Canção, não mais, da acorde lyra
 Suspende os sons, detem a mente ousada,
 Nem mais tremula mão a corda fira,
 Pois serás dignamente desprezada,
 Que em gozo, e alegria
 Com doce melodia
 He para celebrar a acção de espanto
 Rouca a voz, tosco o plectro, rude o canto.

F I M.